



A REPRESENTAÇÃO DO GAÚCHO: DO CANCIONEIRO À CONTEMPORANEIDADE

Louise Silva do Pinho (UNIPAMPA)¹

RESUMO: Neste artigo, pretende-se analisar as transformações pelas quais o mito do gaúcho fixado no imaginário popular passou desde as poéticas de tradição oral, registradas nos Cancioneiros, até a Literatura contemporânea. Para tanto, serão utilizados como referenciais o “Cancioneiro Guasca”, de Simões Lopes Neto (2003), o “Cancioneiro Gaúcho”, de Augusto Mayer (1959) e o “Cancioneiro da Revolução de 35”, de Apolinário Porto Alegre (1981), por serem considerados os registros mais importantes dessas manifestações poéticas. Além desses, a novela “Netto Perde sua Alma”, de Tabajara Ruas (2009), será analisada como um contraponto aos Cancioneiros, para que se perceba a desconstrução do mito na personagem Netto. O referencial teórico que serve de embasamento para o trabalho está composto pelos estudos sobre o mito do gaúcho, a literatura gauchesca e a produção literária regionalista sul rio-grandense de Bertussi (1997), Zilberman (1985;1992), Bosak (2010), Chaves (2002) e Guilhermino César (1956). Apesar de ser apenas um recorte da vasta produção artística que representa o gaúcho, pôde-se observar, por meio da análise das obras, que o gaúcho apresentado nos Cancioneiros não é o mesmo que está retratado em “Netto perde sua alma”. Mesmo que a maioria das características se repita, sua configuração não é a mesma, já que absorveu a característica predominante de sua época: o individualismo.

PALAVRAS-CHAVE: Mito; Gaúcho; Cancioneiros; Imaginário Popular; Literatura Gauchesca

RESUMEN: En este artículo, se pretende analizar las transformaciones que ha sufrido el mito del gaucho fijado en el imaginario popular desde las poéticas de tradición oral, presentadas en los Cancioneros, hasta la literatura contemporánea. Para ello, se utilizarán como referenciales el “Cancioneiro Guasca”, de Simões Lopes Neto (2003), el “Cancioneiro Gaúcho”, de Augusto Mayer (1959) y el “Cancioneiro da Revolução de 35”, de Apolinário Porto Alegre (1981), considerados los registros más importantes de esas manifestaciones poéticas. Además de ellos, se analizará la novela “Netto Perde sua Alma”, de Tabajara Ruas (2009), como un contrapunto a los Cancioneros, para que se perciba la desconstrucción del mito en el personaje Netto. El referencial teórico que hace el embasamiento del trabajo se compone de los estudios sobre el mito del gaucho, la literatura gauchesca y la producción literaria regionalista sur riograndense de Bertussi (1997), Zilberman (1985;1992), Bosak (2010), Chaves (2002) e Guilhermino César (1956). Aunque sea solo una parte de la vasta producción artística que representa el gaucho, se pudo ver, en el análisis de las obras, que el gaucho presentado en los Cancioneros no es lo mismo que se retrata en “Netto Perde sua Alma”. Aunque la mayoría de las características se repita, su configuración no es la misma, ya que él ha absorbido la característica predominante de su época: el individualismo.

¹ Bolsista de Iniciação Científica pela FAPERGS.



PALABRAS-CLAVE: Mito; Gaucho; Cancionero; Imaginario Popular; Literatura Gauchesca

INTRODUÇÃO

O gaúcho é uma personagem marcante na Literatura regionalista, principalmente a sul rio-grandense. Presente desde a tradição popular, foi idealizado e transformado em mito pela recorrência com que é apresentado. Isso não impediu que o mito fosse desconstruído e reconfigurado pela arte pós-moderna, acompanhando as mudanças sociais, políticas e econômicas da contemporaneidade.

Neste trabalho, pretende-se analisar as transformações pelas quais o mito do gaúcho passou, desde a tradição oral, registrada nos Cancioneiros, até a Literatura contemporânea. Para tanto, serão utilizados como referenciais em que o gaúcho mitificado está representado o “Cancioneiro Guasca”, de João Simões Lopes Neto, o “Cancioneiro Gaúcho”, de Augusto Mayer e o “Cancioneiro da Revolução de 35”, de Apolinário Porto Alegre, que “são considerados os mais importantes, até porque utilizaram as compilações precedentes como fonte de pesquisa (Bertussi, 1997, p. 47). Além desses, a novela “Netto perde sua alma”, de Tabajara Ruas, servirá de base para a análise da desconstrução do mito.

O referencial teórico que serve de embasamento para o trabalho está composto pelos estudos sobre o mito do gaúcho e a produção literária regionalista sul rio-grandense de Bertussi (1997), Zilberman (1985;1992), Bosak (2010), Chaves (2002) e Guilhermino César (1956).

O MITO DO GAÚCHO

A representação do homem que vive no pampa, o gaúcho, na Literatura regionalista, deu origem ao mito por meio da repetição e fixação do tipo “gaúcho”. A Literatura regionalista teve início com o Cancioneiro, “pioneiro registro da literatura oral” (Bertussi, 1997, p. 47) desde o século XIX, e seu período de estruturação durou até 1912, com as publicações de Simões Lopes Neto. Porém, a linhagem regionalista permaneceu após o



Modernismo, principalmente na década de 30. A representação do gaúcho nessas obras passou por transformações, já que

o Regionalismo (...) não se desvinculou das transformações estéticas, estilísticas e temáticas por que passou a literatura nacional ao longo de todo este tempo. De modo que o Regionalismo converteu-se num híbrido (...). Este mesmo hibridismo está presente na imagem do gaúcho. (Zilberman, 1985, p. 21-22)

Pode ser devido a esse hibridismo, de que fala Regina Zilberman, que a imagem do gaúcho sofreu as transformações que pretendemos analisar neste artigo. No entanto, para que seja feita uma análise das transformações pelas quais o mito do gaúcho passou, é preciso conhecer as concepções que antecederam esse termo, que surgiu apenas no século XIX. Segundo Chaves (2002), na época colonial, chamava-se de *guasca* ao aventureiro das regiões de fronteira. Durante os séculos XVIII e XIX, chamou-se de *gaudério* aos aventureiros, desertores, coureadores, contrabandistas e ladrões de gado. No final do século XVIII, surgiu o termo *gaucho*, com o mesmo sentido pejorativo, mas abrangendo também “ladrões, desertores, vagabundos que viviam dos gados alheios, do contrabando e da venda de couro aos portugueses” (Chaves, 2002, p. 38). Somente no século XIX apareceu o termo *gaúcho* com os sentidos de guerreiro e peão, como um fruto da sociedade bélica e agropastoril sul rio-grandense. Dessa forma, o *gaúcho* perdeu a conotação pejorativa e o vocábulo passou a ter “um sentido laudatório encobrindo a primitiva ordem pejorativa” (Chaves, 2002, p. 38).

A imagem desse gaúcho, guerreiro e peão, já pode ser vista no Cancioneiro popular, “quando o homem rural é engrandecido a partir do elogio das qualidades como trabalhador, amante sensual e soldado” (Bertussi, 1997, p. 38). A exaltação de sua imagem, quando ele é convertido em herói, após as guerras enfrentadas pela população sul rio-grandense, pelo imaginário coletivo, “conspirou para conferir ao viver pampeiro expressão e colorido de nobreza patricia” (Guilhermino César, 1956, p. 189). Essa mitificação do gaúcho, que também foi representado pelo “monarca das coxilhas” e pelo “centauro dos pampas” na poesia anterior a 1893, fez com que ocorresse um processo de idealização, em que o mito confundiu-se com a realidade. Mas isso não impediu que ele acompanhasse as mudanças sócio-históricas pelas quais a região e o país passaram.



Na literatura regionalista produzida após o Modernismo, o gaúcho aparece com uma configuração menos romântica e idealizada, mais próxima ao Naturalismo e ao Realismo. Segundo Zilberman (1992), embora o Regionalismo tenha se mantido na prosa sul rio-grandense após o Modernismo, ele aparece com uma configuração nova: “A representação do campeiro como centauro, imagem originária na cultura popular e adotada incondicionalmente pelo romantismo, assumiu conteúdo simbólico” (Zilberman, 1992, p. 88), ou seja, os modernistas partiam da figura mítica para mostrar o processo de fragmentação do indivíduo gerado por seus conflitos internos. Nessa literatura, há uma conscientização de que os processos de dominação do território foram destruidores para a população, não só do Rio Grande do Sul, mas de toda a América Latina, que se reflete na configuração das personagens da ficção, que assumem “a perspectiva até então ausente, a dos dominados” (Zilberman, 1992, p. 91). Assim, a literatura regionalista assume uma função ideológica

que rejeita as fronteiras nacionais, escolhe um caminho de certa maneira desconhecido e original, no conjunto da literatura brasileira. Para chegar a esse resultado, o Regionalismo abandonou um antigo companheiro de viagem: certo modelo de apresentação do morador da Campanha, isto é, o gaúcho. Mas pôde ampliar seu repertório e converter-se em leitura da história, segundo um roteiro próprio que, se busca recuperar os laços com o passado, procede-o sem guias previamente estabelecidos e com metas renovadoras. (Zilberman, 1992, p. 91)

Então, a personagem Netto, de “Netto perde sua alma”, mostra-se um exemplo de gaúcho, justamente por estar de acordo com as características do mito (Netto é um guerreiro e é também muito apegado ao campo), mas não exatamente igual. Pode-se dizer que Tabajara Ruas, em Netto, fez esse resgate do passado, mas mostrando um sujeito totalmente identificado com os conflitos contemporâneos. As características dele se apresentam deformadas com relação ao gaúcho idealizado, mostrando um gaúcho diferente do herói, um gaúcho mais realista e individualista. Isso é aceitável quando se trata deste mito, porque

A ambigüidade do *gaúcho* está presente, portanto, desde os mais primordiais questionamentos, desde sua definição, de seu início como objeto e caráter. A origem da palavra gaúcho, a busca da sua formação e a construção de uma identidade *gaúcha* foram e continuam sendo estudados, elocubrados e até mesmo inventados



por quem se atreve nessa seara, tão cheia de meandros como qualquer busca identitária. (Bosak, 2010, p. 49)

De acordo com Bosak, então, as imagens do gaúcho discutidas neste trabalho são apenas demonstrações de como esse sujeito se transformou, nas representações literárias, durante um longo espaço de tempo. Assim como a imagem do gaúcho no Cancioneiro possui variações, pode-se dizer que a do gaúcho contemporâneo está em processo de transformação.

REPRESENTAÇÃO DO MITO NA TRADIÇÃO ORAL: OS CACIONEIRO

O cancionero gaúcho é uma compilação das trovas de descante pertencentes à tradição oral gaúcha que, em sua maioria, “remontam aos primeiros tempos da colonização” (Guilhermino César, 1956, p. 44). É o registro escrito das primeiras manifestações literárias do Rio Grande do Sul que, segundo Guilhermino César (1956), também pode ter sido influenciado pela cultura dos imigrantes.

Nos cancioneros, as principais características do gaúcho são a revolta, o companheirismo, a solidariedade, a rusticidade, a simplicidade, a fidelidade, a força, o cavalo como companheiro inseparável, o gosto pela liberdade, a obstinação à sua sina, a coragem, a valentia, a aversão a estrangeiros, a honra, a dignidade e a solidão.

O cavalo está muito presente nas canções, sempre ao lado do gaúcho como seu companheiro e ajudante. Na canção “Monarquia”, do “Cancioneiro Gaúcho”, é possível perceber o quanto o gaúcho pertencente ao imaginário popular é ligado ao seu cavalo:

Quando me ausento dos pagos,

Isto por curto intervalo,

Reconhecem minha volta

Pelo tranco do cavalo. (Mayer, 1959, p. 79)

Nessa mesma canção, o gaúcho é representado como uma pessoa rebelde e insubordinada, guiada apenas por seus desejos e suas vontades, como pode-se observar no seguinte trecho:



Sou valente como as armas,

Sou guapo como um leão;

Índio velho sem governo,

Minha lei é o coração.

(...)

Ser monarca da coxilha,

Foi sempre o meu galardão

E quando alguém me duvida,

Descasco logo o facão! (Mayer, 1959, p. 78)

O gaúcho, nos cancioneiros, também é visto como um sujeito destemido. Na estrofe a seguir, da canção “Pelo Sinal”, é feita uma referência ao General Antônio de Souza Netto, “o mimo dos farroupilhas” (Lopes Neto, 2003, p. 216), que é caracterizado desta forma:

O Neto, que é seu igual,

Não teme grandes perigos;

Livrai-nos dos inimigos

Da Santa Cruz. (Porto Alegre, 1981, p. 77)

Além de ser destemido, o gaúcho é identificado como um homem valente e corajoso. Também se observa que há um tipo de código de conduta que deve ser seguido por todo o gaúcho, para que sua honra e sua dignidade sejam preservadas. Ser fiel e dedicado à defesa de sua pátria é o aspecto mais importante para definir um homem como honrado, como se vê na trova a seguir:

Amante, firme, independente,

É dever de um filho honrado,

Pela Pátria dar a vida,

É justo, é dever sagrado. (Lopes Neto, 2003, p. 217)



É possível que esse apego à sua terra seja a explicação para o desprezo que o gaúcho demonstra diante dos estrangeiros, os “de fora”. Ainda nas trovas, o “galego”, o estrangeiro, recebe as alcunhas de “pé de chumbo”, “calcanhar de frigideira”, “talão grosso”, “cara dura” e “unha de gancho” (Lopes Neto, 2003, p. 219).

Essa afeição dos gaúchos por seu chão possivelmente se deve pelos diversos conflitos que travaram em defesa desse território. Entre esses conflitos, destacamos as Guerras Guaraníticas (durante as quais muitos castelhanos invadiram o território sul rio-grandense), as invasões castelhanas que seguiram o Tratado de Madrid, a Guerra da Cisplatina (época em que os primeiros imigrantes alemães se estabeleceram no Rio Grande do Sul), a Revolução Farroupilha (1835), a Guerra do Paraguai (1864) e a Revolução Federalista (1893), que podem ter moldado os valores bairristas característicos do mito do gaúcho. Nos cancioneiros, observam-se tanto os valores já absorvidos pelas guerras disputadas como alguns em fase de desenvolvimento, já que algumas canções foram criadas nas próprias guerras.

Ser companheiro e solidário com seus semelhantes é mais uma das características que identificam o gaúcho. No “Cancioneiro da Revolução de 35”, diz-se que “O Neto não deixa o povo” (Porto Alegre, 1981, p. 129). Além disso, o gaúcho dos cancioneiros é uma pessoa fiel, tanto aos seus companheiros, quanto à sua terra. Na estrofe a seguir, está claro o apego do gaúcho ao Rio Grande do Sul:

Liberal, republicano,
Rio-grandense – até a morte,
Hei de levantar bandeira,
Té onde for minha sorte! (Lopes Neto, 2003, p. 216)

O gaúcho também é visto como um ser rústico e muito simples:

Gosto da vida do campo,
Governo com honra e brio;
Co’um par de bolas no cinto
Não tenho medo nem frio. (Lopes Neto, 2003, p. 190)



Outra característica marcante do gaúcho é seu apego à solidão. Isso se deve, principalmente, pelo modelo econômico do Rio Grande do Sul, essencialmente ligado ao campo. O trabalho de peão do gaúcho tradicional exige, muitas vezes, que ele viva sozinho, em campos afastados, ou que passe longas temporadas longe de sua casa. Ele é representado, muitas vezes, também como um andarilho, que tem por companhia apenas seu cavalo e sua sorte, que sai de casa em busca de aventuras. Além disso, o gaúcho tem uma obstinação forte à sua sina, seu fado:

Eu não sou filho daqui,
Sou filho de lá de fora;
Ando cumprindo o meu fado;
Acabando, vou-me embora.

Me vou amanhã embora,
Sozinho, sem mais ninguém; (Mayer, 1959, p. 111)

No trecho anterior, assim como em outras canções, se observa a solidão que acompanha o gaúcho em sua vida. Essa solidão nem sempre é representada negativamente, já que, junto a ela, a liberdade também está presente e é muito apreciada pelo gaúcho, possivelmente por ser o pampa um ambiente que sugere uma imensidão sem limites nem fronteiras, onde ele não têm rumo certo, e é levado pelo vento, como sugere o trecho a seguir:

Sou livre como a seriema,
E nem reconheço tirano:
Criei-me nas esc'ramuças,
Ao sopro do minuano! (Lopes Neto, 2003, p. 190)

O MITO DESCONSTRUÍDO EM “NETTO PERDE SUA ALMA”



O gaúcho representado por Netto mantém algumas características do mito, que o identificam como gaúcho, mas não consegue sustentar outras, principalmente as ligadas ao aspecto psicológico, e é a nova configuração do mito de que Zilberman (1992) fala, já mencionada acima, a possível explicação para isso. Assim, pode-se afirmar que Tabajara Ruas desconstrói o mito em sua obra.

Uma das características do gaúcho que permanece em Netto é o apego ao cavalo. O general, em uma batalha na Revolução Farroupilha, diz: “Tinham razão os gaúchos em menosprezar a infantaria. Combater a pé era extremamente deselegante” (Ruas, 2009, p. 74). Uma pequena diferença está em que o cavalo não é mais apenas o companheiro, mas representa a elegância e a nobreza, coisas que não eram valorizadas pelo gaúcho dos cancioneiros. Em um diálogo com Maria, Netto diz que, depois de gente, o que mais ama são os cavalos, porque, segundo ele, “São nobres. E são tão bonitos. Gosto de ver os cavalos nas paradas, tão fortes, tão garbosos. E gosto de ver os cavalos no Prado, longos, elegantes. E gosto de vê-los no campo, livres, tranquilos. Os cavalos me descansam” (Ruas, 2009, p. 124).

A imagem do gaúcho simples e rústico não é o que se vê em Netto. O general é vaidoso, tanto com relação às mulheres, quanto com sua aparência, até mesmo na guerra: “Um oficial rio-grandense tem o dever de cuidar da aparência” (Ruas, 2009, p. 148). É a vaidade que o perturba em Piedra Sola, quando percebe os primeiros sinais de sua velhice: “Era um pensamento banal e envolvia vaidade, essa intrusa que o acompanhara ao longo da vida, mas de qualquer modo tinha que admitir: os anos passavam. Começava a envelhecer” (Ruas, 2009, p. 110).

No entanto, há um momento, pouco antes de sua morte, em que Netto renuncia aos méritos que poderia ganhar com a guerra, renunciando também à sua vaidade:

Caso viesse a falecer em razão dos ferimentos ou da malária, nada de pensão, nada de títulos póstumos, nada de honrarias. Estava metido naquela guerra sem esperar nenhum benefício e isso deveria ficar bem claro para todos, mesmo depois de morto.
(Ruas, 2009, p. 34)

Em seguida, essa atitude contraditória dele fica clara: Netto também é movido pelo orgulho: “Certamente seria censurado por esse orgulho desmedido, mas se tivessem que



censurá-lo por alguma coisa, que o censurassem pelo orgulho” (Ruas, 2009, p. 34). É esse orgulho que o impede de pedir ajuda quando sonha com a Guerra do Paraguai, preferindo afundar no pântano, já que “Nunca pediu socorro na sua vida, não é agora que irá começar. Está no círculo do Inferno onde padecem os orgulhosos, ali será humilhado, afogado nessa massa infecta, ali desaparecerá para sempre” (Ruas, 2009, p. 21).

É nesse momento de desespero de Netto que suas fraquezas surgem. Embora não peça socorro para não ferir seu orgulho, fica aterrorizado, sente vontade de gritar e de chorar:

Teve vontade de gritar, a vontade de gritar trazia junto a vontade de chorar (...).

Sem admiração, e sem o consentimento da vontade, em fatias muito finas, foi sendo paralisado por uma espécie desconhecida de emoção e adivinhou que era o terror. (Ruas, 2009, p. 22-23)

Diferentemente do mito, que é completamente destemido, Netto sente medo. Segundo ele,

- O medo é um sentimento que eu conheço muito bem. A minha vida toda andei cercado de homens com medo. Milhares de homens com medo de morrer ou de ficar aleijado na hora seguinte. E cercado de animais com medo, cavalos com medo, cães com medo. O medo eu conheço bem, senhorita Maria. É companheiro do homem. (Ruas, 2009, p. 131)

Mas, assim como no mito do gaúcho, existe um código de conduta em “Netto perde sua alma”, que consiste em defender a honra acima de tudo e não demonstrar fraqueza diante de nada, mesmo que o protagonista às vezes falhe nesses aspectos. Uma atitude que mostra o que ele é capaz de fazer para respeitar esse código é o planejamento do assassinato do tenente-coronel Fointainebleux. O general acredita que é seu dever e uma questão de honra matar o médico, para vingar a morte de seu amigo, o capitão de Los Santos. Em certo momento, ele reflete: “Pensando bem, pensando friamente, nestas circunstâncias, o mais decente a fazer é matar o tenente-coronel Fointainebleux” (Ruas, 2009, p. 20). Em outro momento, em uma conversa entre Netto e Caldeira, fica sugerida a postura que se espera de um homem: “(...) Eu dizia pra mim mesmo que tinha que dominar o tremor e o frio. Não fica



bem para um homem estar aí batendo os dentes, não é mesmo, sargento? – Não, general, não fica bem” (Ruas, 2009, p. 36).

Quando se sente próximo da morte, Netto começa a refletir sobre sua função nas guerras e as razões que o levaram a participar delas, mas as vozes do seu inconsciente o questionam. Embora ele pense que suas razões tenham sido nobres e conscientes, a voz o acusa: “General mentiroso!” (Ruas, 2009, p. 18). É que, depois de ter participado de tantas guerras, Netto percebe que tudo o que fez na vida pode não ter tido sentido nenhum, percebe que “a lógica cruel das batalhas ficava estranhamente desqualificada quando se enfrentavam dois exércitos empunhando os mesmos estandartes. Parecia que o combate era uma farsa monstruosa e a matança um capricho” (Ruas, 2009, p. 75).

Diante disso, procura um sentido para todas as guerras, as mortes, a violência, mas não encontra, e começa a sentir uma espécie de arrependimento:

(...) Aqui neste quarto eu ficava matutando comigo mesmo nessa gente toda que matei e me dava um peso enorme no coração, sargento. Acho que buscava um pretexto, queria justificar, dar um sentido decente a essa sangueira toda, mas a razão falta quando a gente se lembra de tanto sangue. A gente não quer acreditar que tudo é inútil. (Ruas, 2009, p. 143)

Outras características do mito do gaúcho que permanecem em Netto são a aversão a estrangeiros e a insubordinação. O repúdio ao estrangeiro está muito claro na relação de Netto com Fointainebleux: “Esse francês é um homem perverso. Percebeu desde o instante em que ele entrou no quarto pela primeira vez, (...) tocou no seu rosto com os dedos compridos e morenos de cirurgião, e Netto se contraiu de repugnância” (Ruas, 2009, p. 17). Já a insubordinação pode ser vista no seguinte diálogo do general:

- O senhor tem alguma coisa contra o fato de alguém ser súdito de alguém, general?
– disse Maria com ar casual, olhando-o diretamente.

- Absolutamente, senhorita Maria. Apenas contra o fato de eu ser súdito de alguém.
(Ruas, 2009, p. 120)

Mas Netto não tem uma visão tão anti-monarquista quanto gaúcho mitificado, pois diz, em seguida: “Se tivesse que escolher um rei, Mr. Thornton, escolheria a mim próprio” (Ruas,



2009, p. 120), o que comprova que a idéia de monarquia não desagradava completamente ao general. Da mesma forma, Netto age contraditoriamente com sargento Caldeira: o general, defensor dos negros na época da Revolução Farroupilha e que definiu Caldeira como uma pessoa honrada o suficiente para assassinar Fointainebleux, pensa: “Um sargento não tem o direito de sorrir ironicamente para um oficial. Esse negro é um insubordinado!” (Ruas, 2009, p. 153).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a imagem do gaúcho, antes e depois do processo de mitificação pelo qual passou, é híbrida, já que acompanhou inúmeras mudanças de ordem econômica e social. Devido a isso, buscou-se identificar as transformações sofridas pelo mito desde os registros das primeiras manifestações poéticas gauchescas, os cancioneiros, até uma obra contemporânea.

Pôde-se constatar, por meio da análise das obras, que o gaúcho apresentado nos Cancioneiros não é o mesmo que está retratado em “Netto perde sua alma”. Mesmo que a maioria das características se repita, sua configuração não é a mesma. Netto é um representante do gaúcho, mas não está de acordo com o “monarca das coxilhas”, o herói mitificado. Ele é um homem que possui fraquezas, que tem vontade de chorar, que sente medo, que tem orgulho e que chega até a achar que nada daquilo em que acreditava e por que lutou tinha sentido.

Tabajara Ruas conseguiu esboçar em “Netto perde sua alma” um gaúcho que resgata suas raízes, mas que, inevitavelmente, absorveu a característica predominante de sua época: o individualismo, e carrega todas as consequências psicológicas que essa forma de organização da sociedade geram.

O Rio Grande do Sul passou, desde a época em que surgiram os Cancioneiros até o período pós-modernista, por muitas transformações. Muitas cidades interioranas se emanciparam, cresceram e se desenvolveram. Na época em que a novela “Netto perde sua alma” foi escrita (1995), o estado estava em pleno processo de globalização. Em consequência



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

disso, o comportamento, os hábitos e a maneira como os gaúchos passaram a lidar com sentimentos mudaram. De acordo com Fernandes, o período em que a novela foi escrita, o pós-modernista, é uma época “em que as incertezas preponderam e o poder do capital determina todos os tipos de relações, inclusive a da produção de conhecimento” (Fernandes, 2009, p. 304). Esse sistema de produção, de economia e de organização da sociedade pode ter sido determinante na passagem do gaúcho tradicionalista para o individualista que se vê em Netto.

Pode-se concluir, assim, que o mito está constantemente em processo de transformação, assumindo novas características de acordo com a realidade social do período em que é retratado literariamente.

REFERÊNCIAS

- BERTUSSI, Lisana. *Literatura gauchesca: do Cancioneiro Popular à Modernidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- BOSAK, Joana. *De guaxos e sombras*. Um ensaio sobre a identidade do gaúcho. Porto Alegre: Dublinense, 2010.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura*. 2 ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.) *Pampa e cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/IEL, 2004.
- FERNANDES, Gisèle M. O Pós-modernismo. In.: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009, p. 301 – 318.
- GUILHERMINO CÉSAR. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956 (Coleção Província).



Edição 02 – Novembro de 2012
Texto recebido até Outubro de 2012
Aceito para publicação em Novembro de
2012

LOPES NETO, João Simões. Cancioneiro guasca. In: _____. *Obra Completa*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MAYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho*. Porto Alegre: Editora globo, 1959 (Coleção Província).

PORTO ALEGRE, Apolinário. *Cancioneiro da Revolução de 35*. Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais/ERUS, 1981.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992

_____. *Literatura gaúcha: temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre: L&PM, 1985.